



MENSAGEM DO CIENTISTA THOMAS EDISON

| Tema: [Ensaio](#) | Autor: [Valdemar F. Ribeiro](#) |

SIC.: ""Ideei alguns desses brinquedos elétricos que os humanos, eternas crianças, chamam pomposamente grandes inventos.

Não me envergonho - é preciso fazer alguma coisa para passar o tempo e pôr em uso aquela pequena astúcia do cérebro que nos incomoda quando não é aplicada.

Por outro lado, alguns desses brinquedos, sob o ponto de vista prático, podem ser úteis à vida comum, fixar os sons num disco, ampliar vozes, aperfeiçoar lâmpadas elétricas ou o rádio mas não significa aumentar a felicidade nem aproxima-nos dos segundos do universo.

Agora que estou velho, verifico que consagrei toda a minha vida a coisas de pouca importância.

Quando vejo os homens de hoje que se entusiasmam com a velocidade de seus aparelhos, não posso deixar de rir.

Os aviões com seus trezentos quilômetros à hora são, comparados com a velocidade da luz, lesmas.

Quando eu era novo imaginava, nesciamente, que a vida consistia nas máquinas.

Construí algumas máquinas e continuamos no mesmo.

Mais de meio século de cálculos, de investigações, de vigílias, de tentativas para chegar a introduzir no comércio bagatelas cómodas ou ruidosas.

Confesso que o homem de rua é uma criatura extraordinariamente indulgente e otimista.

Os ignorantes têm a necessidade de iludir-se, os operários de trabalhar e os industriais de ganhar dinheiro.

Sinto o céu como coisa estranha, remota, inimiga.

Os cometas que arrastam sua cauda pelo infinito, sem um objetivo razoável, nada me dizem que me console.

As nebulosas, amontoados confusos de poeira cósmica, exasperam-me como todas as coisas informes e não acabadas.

No que diz respeito a planetas e aos satélites adutores extintos que dão voltas para obter a esmola de um pouco de luz, causam-me repugnância e desprezo.

Não compreendo os astrónomos: como é que nenhum deles fica doido nem se suicida?

Imagino que são homens sem fantasia, incapazes de sentir o insulto permanente das constelações refugiadas no fundo dos desertos do espaço, medindo e calculando, iludem-se talvez pensando que dominam o céu ou, ao menos, que são admitidos como hóspedes.

Mas um homem autêntico não pode experimentar, ante a voragem esparsa dos fogos errantes, senão ira ou temor.

O céu tem influência sobre mim e nunca a poderei ter sobre ele.

Se o contemplo, amesquinha-me.

Se o ignoro, castiga-me.

Tem uma vida sua, misteriosa e solene que não consigo, de forma alguma, turvar ou mudar e inspira-me, contra minha vontade, pensamentos mortificantes que me maltratam, me deprimem e me tiram coragem de viver.

Por isso, prefiro não o ver.

Agradam-me as regiões e as estações do ano em que o céu está sempre encoberto, onde a noite é muda e total e nos sentimos, sob a colcha próxima de névoa, familiar

Invejo os habitantes de Vénus porque, ao que se diz, o seu planeta está quase sempre envolto em vapores e lhes é impedida a visão do irritante lucilar das inúteis constelações e daquela odiosa Via Láctea que atravessa o firmamento como fumarada de embuste fosforescente.

Os poetas, como crianças, extasiam-se diante dos Vaga Lumes errantes do infinito.

Para mim que, por fortuna ou por desgraça, não sou versificador nem místico, o céu é apenas o velório sinistro onde leio todas as noites a sentença da minha irremediável nulidade."""